



Homens & Lobos

Caminhos opostos

Causou recentemente alarme o relatório “Planeta Vivo”, do World Wildlife Fund, sobre o decréscimo massivo da vida selvagem em curso: as espécies de vertebrados – mamíferos, peixes, aves, anfíbios e répteis – perderam 60% das suas populações, entre 1970 e 2014. Quase dois terços desses animais.

A Terra está “a perder a sua biodiversidade a um ritmo só visto durante as extinções em massa”, ainda segundo o mesmo documento. Um colapso com raiz na crescente produção de alimentos e na busca de mais e mais de energia, água e terra. Apenas um quarto da área terrestre da Terra está ainda isenta de sinais de atividade humana; esta fração baixará, se nada for feito, para apenas um décimo até 2050.

Um dos caminhos propostos para inverter esta marcha rumo à catástrofe é o chamado “rewilding” (numa tradução aproximada, “repor o selvagem”). Este conceito é atribuído ao ecologista americano Michael Soulé, que ainda no século passado propôs a criação de corredores entre reservas naturais já existentes, ligando-as de forma a formar territórios “naturais” mais vastos, capazes de suportar carnívoros como o lobo e o urso. No limite, até leões poderiam ser introduzidos nestes *habitats* recriados pelo Homem.

A suportar este plano estava a hipótese das “cascatas tróficas”, segundo a qual a falta de predadores de topo gera desequilíbrios e empobrecimento nos ecossistemas; o exemplo central era o do Parque de Yellowstone, onde o desaparecimento dos lobos terá levado à proliferação de herbívoros que, por sua vez, dizimaram muitas áreas vegetais.

Como é reportado num número recente da revista “New Scientist”, um dos maiores projetos em curso neste campo é o do “Parque do Plistoceno”, uma zona de 160 quilómetros quadrados no Norte da Sibéria, onde uma equipa de cientistas tenta recriar, desde 1996, a “estepe dos mamutes”, como era há 12.000 anos, no tempo da chamada megafauna. De acordo com os responsáveis, o território já está “mais biodiverso e mais produtivo do que a tundra que substituiu”, apresentando uma captura de carbono mais eficaz.

A mesma revista coloca Portugal a encabeçar a lista dos 10 projetos mais relevantes na Europa, com uma área de 1.000 km² no Vale do Côa. Aqui, a ideia é facilitar a vida a animais como as variantes ibéricas do lince, do lobo e da águia-imperial – sem recorrer a reintroduções destes dois últimos. Com um nível muito alto de abandono de terras, este vale estava a ser ocupado por arbustos e matas desordenadas, com acrescido risco de incêndio. Agora, num processo laborioso que passa por restaurar processos naturais em colaboração com os proprietários daquelas terras, está a ser transformado num corredor que ligará a serra da Malcata ao Vale do Douro.

Criando, além de *habitats* mais viáveis para animais ameaçados de extinção, oportunidades de negócio, sobretudo ligadas ao turismo, para os empresários locais.

Texto produzido no âmbito do Projeto LIFE Med-Wolf, cofinanciado pela Comissão Europeia, integrando o programa LIFE.